

# O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E ADMINISTRADOR—FRANCISCO ANTONIO D'AGUIAR



## ASSIGNATURAS

Um anno . . . . .	1\$200 réis
Seis mezes . . . . .	800 "
Para o Brazil, por anno. . . . .	2\$000 "
Para a Africa, por anno. . . . .	1\$200 "
Numero avulso. . . . .	30 "

Anunciam-se as obras das quaes se receba 1 exemplar.

## PUBLICA-SE AOS SABBADOS

EDITOR—Alfredo Pires

Officina de impressão e Administração—RUA DA TORRE

## PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha . . . . .	20 réis
Repetições . . . . .	10 "
Imposto do sello. . . . .	10 "

Originæes ejam ou não publicados não se restituem.  
Annuncios permanentes e communicados  
preço convencionado.

## O governo e os republicanos

Certamente, por intermedio dos sr. governador civil de Lisboa e do sr. juiz d'instrucção criminal, o governo procurou obter dos chefes do partido republicano que este se abstinvesse de manifestações aos vultos proeminentes do partido, no louvavel intuito de evitar a repetição dos factos que se deram nos dias 4 e 6 do corrente, resultando o haver cabeças, braços e pernas partidas, de individuos que o acaso levou á estação do Rocio, no dia 4, devido, como é corrente, á imprudencia da policia, ou preversidade de quem lhe deu ordens.

O sr. governador civil convidando o sr. Dr. Affonso Costa a ter com elle uma entrevista, a que o illustre republicano accedeu, pediu-lhe e instou para que pela sua influencia evitasse as manifestações publicas do seu partido, mas foram baldados os seus esforços, recusando-se o sr. Dr. Costa terminantemente a satisfazer tal pedido.

Depois, na esperança de melhor exito, o sr. governador civil, Conde de Sabrosa, mandou pelo seu secretario fazer igual pedido ao sr. Dr. Antonio José d'Almeida, que lhe respondeu: «Se sua ex.<sup>a</sup> deseja de mim alguma cousa como medico ou como homem, estou a seu pleno dispôr, porém como não é n'essa qualidade e sim na de republicano revolucionario, só posso comparecer no governo civil sendo intimado ou indo preso; accrescentando, que com esta attitudo não tenho o minimo intuito de offender ou desconsiderar o sr. conselheiro Conde de Sabrosa, mas tendo em vista o não me desconsiderar a mim proprio.»

No dia seguinte, 11, era o tribuno republicano procurado por um agente do sr. juiz de instrucção que do seu chefe lhe apresentava igual pedido ao

feito pelo sr. governador civil, e como recebesse igual resposta, apresentou-lhe a contra-fé, intimando-o a comparecer no juizo de instrucção.

Perfeitamente, á hora indicada lá estarei.

No dia 12 recebido o intimado pelo conselheiro Veiga, diz-lhe este:

Peço-lhe que, usando da sua influencia junto do seu partido, aconselhe aos republicanos de Lisboa que se abstenham de manifestações publicas, porque dellas podem resultar graves dissabores, que serão desagradaveis para todos. O senhor tem prestigio, tem sympathias e é sensato. Empregue todos os seus esforços para que se evitem disturbios e tumultos com os quaes ninguem lucrá.

E por vezes, ouvindo o seu interluctor, tomou o conselheiro Veiga a palavra, no intuito de conseguir que o illustre republicano evitasse futuras manifestações e no seu partido houvesse moderação.

Das suas respostas transcrevemos alguns periodos, sentindo não o poder fazer na integra:

—Dir-lhe-hei, sr. conselheiro, que eu sendo revolucionario, detesto chifrins e desordens. É preciso distinguir as coisas. Levar um povo á redenção por meio dum acto violento, com a condição desse acto ser honrado e leal, é nobre. Conduzir uma multidão á chicana, sem justificação e sem necessidade, é criminoso. Mas aconselhar o povo a que sufoque cobardemente no seu peito a nobre aspiração do seu ideal, é uma indignidade cívica, que deshonra, para todo o sempre, quem a praticar. O meu partido tem uma larga consciencia dos seus actos e uma nitida comprehensão dos seus deveres. Demonstrou-o já muitas vezes. Elle fará o que entender, e a mim só me cumpre seguir a sua larga e ampla inspiração.

—Não o faço, sr. conselheiro. O meu partido é senhor do seu destino e sabe melhor do que eu o que lhe cumpre fazer. A desordem não virá delle, porque, sendo um partido de ideias, não costuma provocar tumultos, que embacem o brilho da sua causa. Guarda a sua energia para empreendimentos maiores e a arruaça das ruas tem estado sempre a cargo da policia e dos ociosos que della dependem.

—V. ex.<sup>a</sup> não tem deante de si um conspirador vulgar, retorquiu eu. Sou revolucionario na ampla, larga e humanitaria aceção da palavra. Antipatiso com a violencia. Detesto o sangue. A vida humana é para mim uma coisa sagrada, que só pôde ser tirada por quem, em combate leal e por motivo justo, arrisque a sua tambem. Represalias, vinganças, levando victimas ao candieiro, ou empilhando-as nas prisões, são uma coisa abominavel que me repugna e a palavra Revolução, para mim, não vale, nem domina pela violencia da sua tecnica, que é inevitavel, mas sim pela famosa agitação de ideias que promove.

Não sou um conjurado da Republica, nem comparso romantico de associações secretas. Sou simplesmente um agitador republicano, um tribuno do povo, que deseja que se crie, desenvolva e propague, na Patria portugueza, um espirito novo de reabilitação e progresso. A Revolução que eu quero é aquella que, trahordando das almas, fecunda toda a raça portugueza com o seu praiá-mar redemptor. Há de essa Revolução, para materialmente triunfar, trazer violencias? Que traga e serão legitimas todas as que forem leaes, condemnando eu agora como sempre, as que forem traicoeirras ou dispensaveis.

São bem conhecidas as minhas ideias. Mas talvez v. ex.<sup>a</sup> as ignore, e eu hoje, que venho a esta casa pela primeira vez, precisava de lhas dizer. Dellas não cedo nem abdicco coisa nenhuma. São subversivas? A monarchia que se desfocce. Eu é que as heide sustentar até á ultima e atravez de tudo, até ao momento em que ellas triunfem, até á hora em que as feres de Timor me roubem o ultimo alento ou algum sabre da policia mas corte na garganta ou apunhale no coração.

## Marquez de Pombal Castanheira de Pera, 17 de maio

Na semana preterita deu-se começo aos trabalhos de construção do monumento que em pombal vae ser erigido, no parque do Cardal, n'aquella villa que se chamou Sebastião José de Carvalho e Mello.

O modelo que ha de servir para o busto do grande e immortal estadista foi feito pelo distincto escultor portuense, sr. Fernandes de Sá.

O sr. D.<sup>r</sup> José Jardim, illustre governador civil d'este districto, visitou no domingo preterito Porto de Moz, que recebeu festivamente sua excellencia.

## Importantes festas

No meado de junho proximo realisam-se em Lisboa importantes festejos promovidos pelo Grande Club de Lisboa ha pouco fundado.

Entre os diferentes numeros do programma é um a exhibição das danças e canções populares de diferentes regiões do nosso paiz por grupos de rapazes e raparigas que vão á capital, onde levarão a nota característica e alegre das suas provincias, e para o que em varios pontos se estão fazendo ensaios.

Entre outros concursos promove a direcção do Club para o dia 14 de junho, um d'ornamentação e outro de illuminação de janeillas.

Sahiu para Lisboa no dia 14, onde se demora alguns dias, o nosso amigo e assignante, sr. Bernardino Luiz Coelho, do logar do Carapinhial, d'esta freguezia.

## Francisco de Sá Pessoa

Depois de demorar-se n'estes sitios algumas semanas, tratando dos negocios da sua casa commercial, retirou no dia 14 para Lisboa este nosso sympathico amigo, socio da firma—Ferreira, Pessoa—d'aquella cidade.

Que fizesse optima jornada é o que muito estimamos.

Passaram alguns dias n'esta villa, os srs Mousinho d'Albuquerque, digno sub-chefe da Companhia dos Tabacos, e Augusto Nactividade, pharmaceutico, de Leiria.

Transportaram-se em motocicletes e por o tempo chuvoso lhes não permittir o fazer jornada, se demoraram mais que tencionavam.

O nosso querido conterraneo sr. Jeremias Rodrigues Netto, sobrinho do sr. Visconde de Nova Granada, residente em S. Paulo, Brazil, continuando a obra benemerita de seu tio, acaba de enviar um valiosissimo donativo ao Hospital d'esta freguezia.

Bem haja e em nome dos pobrezinhos da Castanheira lh'o agradecemos e fazemos votos a Deus para que aumente a fortuna a quem tão bem sabe distribuil-a.

A méza do Hospital, cumprindo o estatuido na sua lei organica, vae mandar collocar o retrato d'este bemfeitor na sala d'honra ao lado dos srs. Viscondes de Nova Granada, Joaquim Lopes Correia, Manuel Alves Thomaz, Carneiro, etc.

Bem entendido por gratidão e para incutir a accões grandiosas.

—Foi para Lisboa, acompanhando pelos srs. D.<sup>r</sup> Miguel Albuquerque e Carlos Graça, o nosso querido amigo D.<sup>r</sup> Eduardo Correia.

D'esta vez ainda não foi tomar conta do logar graude... a que se refere o nosso collega «Leiriense».

Quando fôr promettemos avizal-o... em primeira mão; mas em troca pedimos-lhe que por amor da sua lealdade declare qual a lista de favores que o sr. D.<sup>r</sup> Eduardo Correia apresentou ao actual governador civil, que estimamos, pessoal e mesmo politicamente, e quaes os factos de que possa inferir-se que o sr. D.<sup>r</sup> Eduardo Correia fez reviravolta politica.

—O sr. Joaquim Rodrigues Mathens, digno professor d'esta povoação, tem ensaiado, assiduamente, com as creancinhas, o hymno das escolas para abrilhantar a festa escolar de maio.

E' provavel que a festa escolar, pelo que toca ás escolas da freguezia, se faça em Castanheira de Pera.

Correspondente.

## O tempo

Desde sexta feira da semana preterita que tem aqui chovido e alguns dias em abundancia, sendo de grande beneficio para a agricultura, que devido á já longa estiagem e frio estava prejudicada.

O tempo frio e tambem o tempo chuvoso, não permittindo que se applique o tratamento ás vinhas, tem tambem prejudicado as que não tinham ainda sido sulfatadas.

O olivedo, que se apresenta promettedor, ainda n'estes sitios atrazado na floração, não saffre ainda com as chuvas.

## Carta de Lisboa

Teem continuado a ser e serão, em toda a cidade o assumpto obrigado de conversação e com o que os jornaes têm enchido grande parte das suas columnas, os acontecimentos dos dias 4 e 6 no Rocio e na praça do Campo Pequeno.

A selvageria praticada pela policia na estação do Rocio, ordenada pelos chefes superiores, deu logar a que na tourada de 6 do corrente, no Campo Pequeno e n'outros espectaculos fossem recebidas com menos acatamento que o que lhes é devido, as pessoas reaes.

Aquella tourada assistiram suas magestades rainha D. Amelia, D. Maria Pia e o Principe Real, e apparecendo depois ali o D.<sup>o</sup> Affonso Costa, o povo que enchia a praça, não menos de dez mil pessoas, fez ao illustre republicano uma impoentissima manifestação, inclusivamente todas as senhoras que occupavam os camarotes e portanto da mais distincta sociedade.

Esta quaze unanime manifestação da gente que assistia á tourada, com o facto de produzir-se um movimento que nada tinha de sympathia e como era costume, ao apparecerem ali as pessoas reaes foi sem duvida significativo, e mostrou bem o desgosto e descontentamento que lavra na população de Lisboa, pelo atestado commettido pela policia dois dias antes em que o numero de feridos com gravidade sobiu a mais de cem, e ainda por ser annullada pelo governo a vontade do povo da capital não sendo eleitos por Lisboa os deputados republicanos, não obstante a grande maioria de votação que ali obtiveram.

Para que o leitor menos conhecedor do procedimento dos governos d'outras nações, em occasião de manifestações como a que foi feita na estação do Rocio ao sr. D.<sup>o</sup> Bernardino Machado, para que possa estabelecer o confronto,ahi vae o trecho de uma chronica para o *Primeiro de Janeiro*, do primoroso escriptor João Chagas:

## FOLHETIM

## CONTROVERSIA

—ENRABIGOS—

—Que no povo sempre ignaro Avulte um Deus que o humilha Como elle á besta que cilha, Não ademira, meu caro, Mas vê o em ti, maravilha!

—Mais me maravilha a mim Ver um par de olhos tão pobre Que, na abób'da que nos cobre, Dos sacros lumes sem fim O grande Auctor não descobre!

Ver um descrido tão myope Que, em vez de fitar a altura D'onde emana uma luz pura; Só busca ver a Calliope Que ri de tanta loucura!...

—Sempre és um magno carola D'Aquillo que nunca viste, D'um Deus que apenas existe Dos tanços na égra tola Que á demencia mal resiste!

—Parece incrível que um sabio, Sem intenção rezervada, Se atreva a negar o nada, Negação que no seu labio Somma asnidade rasgada!

## A FRANÇA REPUBLICANA E O PORTUGAL MONARCHICO

«Ora, a função da policia em França é manter a ordem—coisa facil em Portugal, muito difficil em França. Quando a ordem é perturbada, a missão da policia franceza ainda é—manter a ordem. A primeira coisa que a policia faz n'este paiz, quando se annuncia uma manifesta-ção, seja ella qual fôr, é—garantir a ordem da manifesta-ção. A ordem é perturbada? A policia intervem. Com punhos de rendas? Não! Com os que tem. O que não faz, porém, é desembainhar, senão quando se vê fisicamente acometida. N'uma palavra, para que a policia de Paris desembainhe os seus sabres é preciso que lhe batam. No dia 1 de maio, por exemplo, a policia de Paris desembainhou e fez aqui e ali algumas mossas; mas no dia seguinte os jornaes publicavam a lista dos agentes feridos com tiros de revolver, floretes, bengalas, pedras e fundos de garrafas e essa lista levava algum tempo a lêr.

Alem d'isso, as represalias da Ordem em França não se exercem de surpresa e por cilada. Nunca a Ordem carrega, sem, por tres vezes, annunciar que vae carregar. E' a violencia, mas é tambem—a Lei. Quem depois das tres intimações de estilo não abandona o terreno, é porque se quer bater. São batidos? Teem a sorte dos luctadores.

Ha pouco no departamento do Pas de Calais, as forças do exercito chamadas a reprimir os desordeiros dos grévistas do carvão, foram acometidas por estes, com tal furia, que soldados e officiaes cahiram feridos como num campo de batalha. Um desses officiaes morreu. Outro, o tenente coronel Schwarz, foi gravemente ferido. O governo tinha dado estas instruções: branda a e em caso de ataque—defeza. O tenente coronel Schwarz, não se serviu das instruções do governo e de pé, a cavallo, escorrendo sangue, não deu a ordem de atacar. Por não a ter dado, evitou-se um terrivel morticínio—e que reis saber, vós que me lêdes, o que fez o governo francez a este official que não respeitou as suas instruções?—Condecorou o, por este feito com a Legião d'Honra.

Aqui está a França. A França é isto e não é outra coisa.

Os donativos para socorros aos feridos, entregues espontaneamente na redacção de «O Mundo» e em varios estabelecimentos da capital são tambem entregues, sobem já á

—Asnidade talvez não, Que o meu livro ha de acabar Com essa crendice alvar; E os vindoiros me erguerão Monumento... não vulgar.

—Negas então por guindar-te, Mas «O» que exalta a verdade Rirá da tua vaidade, E «O» que ao ceu podia alar-te Punirá... tanta maldade!

Um livro para negar Que existe um Ente superno! Já é servir o inferno A quem queres agradar Contra as leis do Sempiterno!

—Não posso, meu contendor, Deixar de te enaltecer; Mas tambem não posso crer Que haja um Deus tão punidor Que a tudo... faça tremer!

E vejo que n'essa crença Mora a paz de muita gente, Mas não nasci para crente; E n'esta minha descrença Não serei só, francamente.

—E não serás só, amigo, Que as manadas innocentes Que áquem d'aquellas vertentes Quêdam no verde pascigo, São tambem umas descrentes.

hora a que escrevemos, a perte de um conto de reis.

O povo de Lisboa está desenvolvendo um grande movimento de protesto contra o jornal «O Seculo» e seu proprietario, tendo descido consideravelmente a sua venda na capital, desde o principio d'este mez.

Esse protesto é tão energico, que os que protestam não compram couza alguma nos estabelecimentos que o teem á venda!

Ao passo que com aquelle jornal se dá o que relatamos, e que em conversações se ouve, «O Mundo» e a «Vanguarda», teem depois dos ultimos acontecimentos tido um augmento extraordinario na sua tiragem, tendo aquelle primeiro jornal tido dias de, só para a venda em Lisboa, tirando trinta mil exemplares.

Este jornal, tão perseguido pelos governos que o tem prejudicado poderosamente, pelo desassombro com que traz a publico os actos dos nossos governantes e ainda de todos que se afastam do verdadeiro caminho que deviam trilhar, ha de, cremolobem, em pouco tempo ser um dos jornaes de maior circulação da capital.

A policia tem continuado em varios pontos a praticar obras de que é capaz, sem razão para tal, prendendo e espancando sem motivos, como se aquellas almas fossem chamadas a alimentar a desordem, em vez de a manter.

Alem d'outras proezas que podiamos citar, veja-se o que segue que transcrevemos da «Vanguarda», de 1.º do corrente:

«Hontem pelas 10 e meia da noite, a policia praticou mais uma das suas façanhas, inqualificaveis, na rua da Bitesga, defronte do café Feijó. Uma pobre mulher que sahio de um estabelecimento, foi presa pelos guardas 1:137, 1:417 e 942 que lhes disseram para os acompanhar. A mulher protestou contra essa arbitrariedade, perguntando porque a prendiam.

Foi o sufficiente para ser mettida á força num trem, e como gritasse contra aquella infamia, socaram-na

—Feliz em comparações, Tornas-te assaz rigorista; Mas no meu «Racionalista» Verás as fundas razões Porque me fiz... atheista.

—Não são razões, são tolices; Que o mais subtil dos atheus, Negando, confessa a Deus Quando escreve essas asnicas Em que só pegam sandeus.

E confessa-o na razão De que ninguem nega o nada, —A não ser por caçoada—, Porque uma tal negação Suppõe a Coiza negada.

—Fallaste como um Catão, Que quem nega o que não ha De certo modo se está Exhibindo um toleirão Que pela asneira não dá.

Mas já que és tão crentalhão D'esse grande Architector Que defendes com ardor, Como me provas então Que existe um Deus criador?

—Não se pode acreditar Que os orbes do Firmamento, D'esse infinito Portento, Se alli podessem criar E se dessem movimento:

fortemente, tapando-lhe a bocca e ferindo-a na cara. Aos gritos da pobre mulher, cujo nome não podémos obter, acudiu muitissimo povo que protestou energicamente contra os policias.

O 1:137 e o 1:417 foram os heroes que mais se salientaram, demonstrando bem que são verdadeiras feras prontas a cometerem as maiores infamias e as maiores ferocidades. Recommendamol-os, por isso, aos seus superiores para os galardoadem.»

X.

**Coentral Grande** (retardada)—Em telegramma de Castanheira de Pera para «O Seculo» dizem—por lapso ou... mal informados—que os 25 votos governamentais, obtidos na assembléa d'ali, custaram 500\$000 reis na freguezia do Coentral e promessa do governador civil para uma estrada orçada em 20 contos.

Eia... tanta coisa! Não senhor. A verdade é que o Chefe do districto disse que, se os eleitores do Coentral votassem todos a favor do partido regenerador, teria muito gosto em lhes corresponder, promovendo a construcção da sua estrada e os mais melhoramentos de que carecem.

Só quem nunca veio ao Coentral é que desconhece o quanto são pessimas as vias de comunicação, e por isso alguns individuos d'aqui, na louvavel e sympathica idéa de debellar este mal estar, resolveram, á ultima hora votar na lista governamental, sem intenções de qualquer outra ordem e jamais no intuito de melindrar quem quer que seja.

Os melhoramentos locais impõem-se, e estão acima de tudo; mas a maior cegueira é a d'aquelles que teem olhos e não querem vêr!...

Um eleitor.

Falleceu na manhã de 17 do corrente, o sr. Sebastião dos Santos (Sebastião da Dorothea), que ha tempo soffria bastante de doença adquirida em Africa.

Possuia excellentes qualidades e contava apenas 25 annos. A sua familia os nossos pezames.

Logo, a prova que desejas Avulta n'essa amplidão, Abysmo da Criação... Aonde ha provas sobejas Do grande Deus de Abrahão.

E quem tira a crença aos povos Precipita-os no abysmo Dos crimes do atheismo Que, inventor d'abuzos novos, Pede e quer o despotismo!...

—Quero pensar n'isso um pouco E ao azul a vista erguer Por ver se inda posso crer, Porque é realmente um louco Quem leva o povo a descrever!

—Deves tambem ler o «Velho» Como o «Novo Testamento», —Já que se presta o momento— E verás que o «Evangelho» Não pode ser um invento.

—Vou ler o que apenas vi Por ver se ainda me venço; E, se afinal me convenço, Queimarei o que escrevi, Que faria com mal immenso.

—Parabens, porque vaes ler! E se vencido ficares, Levanta os olhos aos ares! Sim, honra a Deus por dever, E ao mundo para te honrares!

**CALIFORNIA**

Com a devida venia transcrevemos o seguinte do «Progresso Catholico» do Porto:

«O primeiro terremoto sentido em S. Francisco da California—America—deu-se ás 5 horas e meia da manhã de quarta feira 18 d’Abril.

Os habitantes ainda estavam dormindo e ao despertar, assustados, fugiram para a rua, muitos d’elles quase nus, pois não tiveram tranquillidade para se vestir.

O abalo durou 3 minutos e foi seguido de taes desmurchamentos que immediatamente se produziram numerosas desgraças pessoasas.

A gente fugia espavorida em todas as direcções. Grupos de fugitivos que procuravam por-se a salvo, ficaram sepultados, perecendo sob as cazas que desabavam pelo seu caminho.

As primeiras noticias recebidas em New York chegaram por Los Angeles, cidade ao sul da California, e os seus dados eram bastante incompletos pela confusão que, nos primeiros momentos, reina em tão grandes catástrophes, e tambem pela difficuldade das communicações.

Os despachos primeiramente recebidos fallavam de milhares de victimas, coiza explicavel não só pela grande população de S. Francisco aonde ha mais de 300 mil habitantes, mas tambem pela situação especial das cozas construidas no alto das colinas, o que tornou mais terríveis as consequencias.

As habitações ao desabar cahiam umas sobre as outras, sepultando quantos colhiam na tremenda derrocada.

Tambem augmentou o numero de victimas a circumstancia de se encontrarem, desde as primeiras horas do dia, nos mercados de S. Francisco os habitantes das povoações vizinhas que vinham fazer as suas transacções commerciaes.

Por este lado o numero de victimas foi tambem muito grande.

A parte commercial da cidade ficou complectamente destruida.

Ao desmurcharem-se centenas de edificios, mercados, tendas e estabelecimentos commerciaes de toda a sorte, situados na rua de Market e Montgomery, morreram centenas de pessoas debaixo dos escombros, e com ferimentos, mais ou menos graves, ficaram milhares d’ellas, sendo tristissimo o espectáculo, porque muitos habitantes se arrastavam difficilmente sem encontrar socorro, pois era geral a debandada.

O impulso dos sobrevivantes era de «salve-se quem puder», e muitas mulheres e homens arrastavam como podiam tenras criaturas que apresentavam ferimentos em diversas partes do corpo, e as pessoas maiores chamavam em altos brados para que seus parentes e amigos os não deixassem sós em tão horrivel situação.

Entre os edificios destruidos avulta a Camara e o Palace-hotel.

Acham-se cortadas as canalizações da agua e do gaz. Ao primeiro abalo seguiu-se um formidavel incendio, cuja acção devastadora não podia ser detida por falta d’agua.

Produziram-se com estas invenciveis circumstancias scenas de grande desolação. Por todos os lados se

ouviam gritos e vozes pedindo socorro.

Em tão horroroso quadro em que não era possivel attender nem aos entes mais queridos, cahiam por terra centenas de pessoas, umas detidas no seu caminho pelo voraz e terrivel incendio, outras sepultadas sob os escombros, e muitas feridas tambem pelos atropellamentos da fuga em que os fugitivos cahiam uns sobre os outros, e os mais fracos tinham de se rezignar a morrer por falta de forças para se salvar.

Nos primeiros momentos fizeram saltar os edificios com dynamite para izolar o fogo; porém todos os esforços foram inuteis, porque além de tudo isto os trabalhos eram dirigidos com muito pouca tranquillidade, e tornava-se difficil a tarefa nas ruas complectamente obstruidas pelos escombros.

O incendio começou em Market-Street.

Communicações de S. Francisco calculam as perdas materiaes devidas á grande catástrophe em 200 milhões de dólares.

Quanto ao numero de desastres pessoasas, falla-se em 12 mil feridos e 3 mil mortos.

Os dados sobre este particular são ainda incompletos e contra lictorios. O que porém é fóra de duvida é que a catástrophe é tão horrivel e o panico tão espalhado em toda a região do sinistro, que certamente a imaginação não póde chegar á realidade.

Sem abrigo estão 90 mil pessoas.»

**Quéda do governo**

Teve vida ephemera o ultimo gabinete regenerador, o que não se esperava e só um caso grave, muito grave que se desconhece á hora que escrevemos, poderia determinar a sua quéda.

Foi o sr. João Franco chamado a formar gabinete, ignorando-se ainda a sua constituição.

**Auspicioso enlace**

Realizou-se na igreja do Avellar, em 16 do corrente, pelas 4 horas e meia da manhã, com um numero e selecto acompanhamento, o auspicioso enlace do sr. D.<sup>o</sup> Adelino d’Araujo Lacerda, medico municipal d’este concelho, com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Emilia Augusta de Figueiredo Moura, senhora de distinctas qualidades e possuidora d’uma das melhores fortunas d’aquella localidade.

Acompanharam d’aqui o noivo seu irmão sr. Joaquim Lacerda e sua esposa, e sua irmã, D. Emelinda.

Foram padrinhos o sr. Joaquim Lacerda Junior, irmão do noivo, e Alfredo Theodoro Manso.

Em seguida á cerimonia sahiram para Lisboa.

Prendas:

Um faqueiro de prata e garrafas de champagne, de Alfredo Theodoro Simões Manso

Uma salva de prata e argolas para guardanapos, de Joaquim Lacerda Junior e esposa.

Um serviço de chá, de D. Maria Pia.

Uma bilheteira de prata, da filhi-

na do sr. Elysio Nunes de Carvalho.

Uma salva de prata, de D. Maria Delphina da Costa Rego.

Um copo de crystal, de D. Amelia Manso.

Uma salva de prata, de D. Maria Albertina Simões da Costa Rego.

Um par d’argolas de prata, de D. Maximina Simões Ferreira.

Doas chavenas de Sevres, do P.<sup>o</sup> Accurcio Lacerda.

Um paliteiro de prata, de D. Theodora da Costa Rego.

Um sal e pimenta de crystal e prata, de D. Emilia Lacerda e esposo.

Um estojo com 12 colheres e colher de prata, do D.<sup>o</sup> Alberto Rego e esposa.

Um paliteiro de prata, de Abilio Simões d’Abreu e esposa.

Uma bilheteira de crystal, de Antonio Serra.

Uma salva de prata, do D.<sup>o</sup> João Ribeiro.

Uma bandeja de prata, de Joaquim Flaviano de Campos Jardim.

Um anel de brilhantes, do noivo.

Um alfinete com duas perolas e brilhantes, da noiva, etc. etc.

Todas as felicidades desejamos aos noivos, de que realmente são dignos.

Demoraram-se alguns dias n’esta villa, percorrendo tambem alguns pontos do concelho, dois policias á paisana da séde do districto, não se sabendo ao certo de que serviço veem encarregados, não obstante dizer-se que andam no descobrimento de passadores de moeda falsa.

Vindo do Principe, Africa, chegou a Aldeia d’Anna d’Avis, o nosso amigo sr. Antonio Alves, que ali tem passado grande parte dos seus annos. Folgamos que chegasse de perfeita saude.

No dia 15 do corrente realison-se n’esta villa, o casamento do sr. Manuel Pimenta, com a sr.<sup>a</sup> Laria Paiva, ambos do logar das Bairradas e já viuvos.

**Vaccinação dos suinos**

Desde já, devem os possuidores de suinos que os queiram vaccinar, inscrever-se na administração d’este concelho e para o que tem de depositar por cada um 300 reis que desejem seja vaccinado.

N’este sentido foram affixados editaes pela administração d’este concelho, que opportunamente indicará o dia e local onde ha de ser feita a vaccinação.

**1792**

Falleceu ha poucos dias no logar do (Castello da freguezia de Mação, Maria da Conceição, mais conhecida pelo nome de «Tia Catharina» que, tendo nascido na era ut supra, contava apenas 114 annos!

Fôra cazada com João da Sebastiania, do mesmo logar, de quem teve uma unica filha que fallecera aos

28 annos, deixando 3 criancinhas que ella criára.

D’estas 3 crianças tinha a Tia Catharina agora 6 bisnetos e 3 trinnetos.

Como mulher pobre que era, levára a sua longa vida em continuos e pezados trabalhos ruraes e domesticos, fazendo ainda até poucos dias antes da sua morte quaze todo o serviço de caza, em pleno uzo fructo de todas as suas facultades.

Contando já os seus 17 annos no tempo da primeira invazão dos gallos, comprazia-se em fallar d’essas guerrilhas bem como d’outras posteriores.

A sua comida foram côves, feijões, batatas, sardinha e algum pedaço de carne de porco, e a sua bebida predilecta a boa agua d’uma fonte que tinha perto de caza.

Quem quizer viver muito é trabalhar e comer como ella. Mas qual quê? Está provado que esta gente d’agora nem para viver presta.

**SENTENÇAS**

Excepto Noventa e trez Quilhotin soube o que fez.

Liberdades abuzivas Acabam sempre captivas.

O mar em que tudo aberra Promette inundar a terra.

Venham leis contra o abuzo Dos que o praticam por uzo.

Em tudo Deus predomina Menos no mal que abomina.

O justo acha a vida triste Porque sabe que outra existe.

Para democratizar Não é preciso atheuzar.

Esta vida é soffrimento Que apenas dura um momento.

Nas alas do communismo Recrudescer o paganismo.

Consortio que se não aza E’ a ruína d’uma caza.

Na liberdade sem culto Mora o crime mal occulto.

Aonde acaba a idade Começa a eternidade.

**CASA GODINHO SUCCESSORES**

**Estação de verão**

E’ enorme o completo sortido em todos os artigos da presente estação que esta casa acaba de receber.

Grandes saldos quazi em todas as fazendas.

Remettem-se amostras.

Compras e vendas a dinheiro

Por curiosidade uma visita á

**CASA GODINHO SUCCESSORES**

**A. FREDERICO BARROSO LATOEIRO FIGUEIRÓ DOS VINHOS**

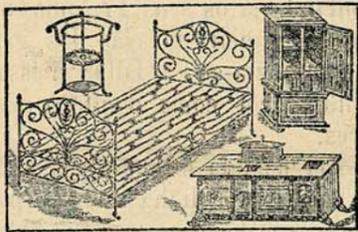
Encarrega-se de concertar pulverizadores, de qualquer auctor, pondo-lhe as peças novas que lhes forem necessarias, bem como outros concertos que precisem.

Preços commodos.

NA LOJA  
DOS  
**QUATRO GLOBOS**



FIGUEIRO DOS VINHOS



N'ESTE ESTABELECIMENTO  
encontram-se á venda

**camas de ferro a 2\$000,**

ditas do mesmo metal (em diferentes fei-  
tos), ditas de madeira (á franceza).—Me-  
zas de cabeceira (com pedra e sem ella.—  
Colchoaria completa.—Lavatorios (com to-  
dos os seus pertences).—Cabides de ma-

deira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e  
gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em ar-  
mures (pretos e de côres).—Lenços de sêda e de lã.—Relogios de meza  
(affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e  
vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a bôa qualidade de todos  
os artigos, peso e medida.

**Benjamin A. Mendes.**

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto  
continuo.

**HOTEL VIZIENSE**  
PROPRIETARIO  
**ANTONIO DO CARMO CALADO**  
Rua dos Fanqueiros—135  
**LISBOA**

Este hotel, um dos melhor  
situados, já bem conhecido do  
publico, recommenda-se sobre-  
maneira, pelos modicos pre-  
ços, que são 800 reis por dia,  
bom tratamento e esmerado  
asseio com que trata os seus  
hospedes.

Tambem recebe hospedes  
só para pernoitar, por 200  
reis.

Pede pois ás pessoas que  
desejem honral-o procurando  
o seu hotel, a fineza de avisal-o  
da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr.  
Francisco Rodrigues Ferreira,  
d'esta villa, prestam-se quaes-  
quer informações.

**Professor de musica**

**João Baptista Rodri-  
gues,** regente da Philarmoni-  
ca de Figueiró dos Vinhos, com  
longa prática de leccionação  
de varios instrumentos de cor-  
da, encarrega-se da lecciona-  
ção de piano, violino, viola,  
bandolim, e outros, indo a ca-  
sa dos alumnos, ou em sua  
casa.

Tambem se encarrega da  
afinação de pianos, e garantin-  
do o bom trabalho, só passado  
tempo recebe a sua importan-  
cia. Para este serviço vae aon-  
de seja chamado, ficando bara-  
to aos interessados, por não  
fazer despezas em transportes.

**Officina de Canteiro**  
DE  
**BERNARDINO DE FREITAS**

CORREIO DOS CABAÇOS

—CORTIÇA—

Fornece cantarias com ornatos ou  
sem elles, á vontade e gosto do fre-  
guez.

Tambem se encarrega da cons-  
trução de jazigos, por planta á vis-  
ta, fornecida por elle ou pelo fre-  
guez.

Preços convencioneados, mas  
sem competencia.

**CAL DE 1.ª QUALIDADE**

**Manuel dos Santos**

CEICEIRA — ALVAIAZERE

**Abriu o seu forno  
em Villa Nova, no  
dia 7 de Maio de  
1906, ao preço de  
2:000 reis cada moio  
á bocca do forno.**

**Os Dramas da Côte**

(Chronica do reinado de Luiz XV)

ROMANCE HISTORICO

DE

**E. LABOUCETTE**

A côte de Luiz XV, com todos  
os seus esplendores e miserias, é des-  
cripta magistralmente pelo auctor  
d'**O BASTARDO DA RAINHA** nas  
paginas do seu novo livro, destinado  
sem duvida a alcançar entre nós  
exito equal áquelle com que foi re-  
cebido em Paris, onde se contaram  
por milhares os exemplares vendidos.  
A edição portugueza do popular

**NOVO  
DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO ILLUSTRADO**

POR

**FRANCISCO D'ALMEIDA**

**P**PROMETTE esta obra, que se está publicando, ser a mais completa do  
seu genero das até agora publicadas, attenta a competencia do seu  
auctor já sobejamente comprovada—por varias fórmas—.

Esta obra comprehenderá todos os ramos de conhecimentos, disper-  
sos em varias obras, que a maioria do nosso publico illustrado não pôde  
adquirir pela somma que attinge e a respeito das quaes necessita de co-  
lher informações exactas.

N'esta novissima encyclopedica encontrar-se-hão inumeras indicações  
uteis que, pelo seu modernismo se não encontram nos proprios dictiona-  
rios technicos.

Para melhor illucidação, muitas das definições serão acompanhadas de  
desenhos e reproducções em gravura de nitida execução.

E' uma obra utilissima e necessaria a todos que desejam saber e que  
pelo seu modico preço todos podem adquirir.

**O Novo Diccionario Encyclopedico Illustrado**

formará um grosso vollume de **1:600** paginas aproximadamente, 8.<sup>o</sup>  
grande, 2 columnas, typo miudo.

A sua publicação faz-se semanalmente, em cadernetas de 16 paginas;  
mensalmente, em tomos de 80 paginas.

Preço para o continente e ilhas adjacentes:

**Cada caderneta 50 réis.—Cada tomo 250 réis.**

Para as provincias ultramarinas e para os paizes estrangeiros, que fa-  
zem parte da União Postal, o mesmo preço, accrescido do porte do correio.

Pedidos á Empreza editora—**Costa Guimarães & Comp.**—  
Largo d'Annunciada, 9—LISBOA, ou aos seus correspondentes na pro-  
vincia.

e commovente romance, será feita  
em fasciculos semanaes de 16 pagi-  
nas, de grande formato, illustrados  
com soberbas gravuras de pagina, e  
constará apenas de 2 volumes.

**20 réis o fasciculo  
100 réis o tomo**

**2 VALIOSOS BRINDES**

a todos os assignantes

Pedidos á—

**Bibliotheca Popular**

(Empreza Editora)

Rua da Rosa, 162—LISBOA

**LEONOR TELLS**

SENSACIONAL ROMANCE HISTORICO

por

**MARCELINO MESQUITA**

O popular auctor do drama com  
equal titulo, representado innumeras  
vezes e applaudido entusiastica e  
delirantemente nos theatros *D. Ma-  
ria* e *D. Amelia*, acaba de firmar  
contracto com «**A Editora**»  
para a publicação d'este seu novo  
original, verdadeira obra prima litte-  
raria da actualidade.

Grande edição de luxo profusa-  
mente illustrada com gravuras de pa-  
gina a 12 côres, por Manuel de Ma-  
cedo e Roque Gameiro, e impressa  
em magnifico papel.

Caderneta semanal de 24 paginas  
e 1 chromo ou 32 paginas de texto  
—60 réis.—Tomo mensal, 300 réis.

Brinde a todos os srs. assignantes  
—Um exemplar «gratis» a quem en-  
viar a importancia de 10 caderne-  
tas, tomos ou volumes.

Em publicação na «**A Editora**»  
—Largo do Conde Barão, 50—Lis-  
boa.

Acceitam-se correspondentes em  
todas as terras do reino.

**A AMBICÃO D'UM REI**

por **Eduardo de Noronha**

Obra illustrada com numerosas  
gravuras coloridas por Manuel de  
Macedo e Roque Gameiro, impres-  
sa em magnifico papel

**Nova edição popular**

Caderneta semanal de 16 paginas,  
40 réis. Tomo mensal, 200 réis.

Um exemplar gratis a quem re-  
metter adeantadamente a esta em-  
preza a importancia de dez caderne-  
tas ou tomos.

Brinde a todos os assignantes

Acceitam-se pedidos de qualquer  
numero de cadernetas e tomos.

«**A Editora**» —Largo do  
Conde Barão, 50—LISBOA.

Precisam-se agentes em todas as  
terrs do continente colonias e Brazil.

**MAXIMO CORKI**

**NA PRISÃO**

Ultimo trabalho litterario do ex-  
traordinario escriptor russo. O mais  
empolgante que a sua penna tem  
produzido até hoje. O romance dos  
presos politicos da Russia, analyse  
dos costumes barbaros da escravi-  
dão moderna. Um volume de perto  
de 200 paginas, com uma capa a  
côres, illustrada com um dos melho-  
res retratos do auctor.

PREÇO 200 RÉIS

«**A EDITORA**»

Largo do Conde Barão, 50

Á venda em todas as livrarias e  
em casa de todos os corresponden-  
tes d'«**A Editora**».

Franco de porte a quem enviar a  
sua importancia em vale do correio  
ou em estampilhas por carta regis-  
tada dirigido correspondencia dire-  
ctamente a séde da Editora.